A "socialização" da Saúde

A idéia de socializar a medicina brasileira vem sendo aventada há muitos anos. Apresentada sempre em clima festivo, os adeptos da proposta garantem ser esta a solução para os males dos brasileiros. Para eles, o único obstáculo era a resistência da área médica. Agora, o ministro Jamil Haddad vem demonstrar que a idéia está em marcha. A Saúde brasileira está socializada. Quem não acreditar verifique que, dos 13 cargos mais importantes do Ministério da Saúde, 12 deles foram entregues ao Partido Socialista Brasileiro.

Os descrentes podem dizer que tudo se fez porque o ministro pertence ao PSB, que tem uma bancada de 11 deputados e um senador. Os intrigantes dirão que metade dessa bancada tem "dono", porque enfim Miguel Arraes foi responsável direto pela eleição de cinco deputados do partido. Não se acuse o ministro de injustiça; Arraes foi recompensado à altura: o presidente da Central de Medicamentos (Ceme), Fernando Dubeaux, criou o laboratório pernambucano e, segundo o ministro Haddad,

teve "administração-elogiada" no governo do grande eleitor do partido.

É verdade que essa "socialização" de cargos pode trazer problemas para o governo no Congresso. Enfim, vários senadores e deputados viram correligionários seus afastados ou preteridos sem cerimônia pelo apetite fisiológico de um dos ministros do governo Itamar Franco. Quando o vice-presidente em exercício montava seu Ministério, confessou a vários interlocutores sua surpresa com o apoio generalizado que encontrara à manutenção de Adib Jatene no Ministério. O vice-presidente em exercício lamentou, mas nada pôde fazer, pois se tinha comprometido com o seu vizinho de quarteirão, o ortopedista Haddad. As consequências não demoraram: a Saúde foi "socializada" e o governo não conseguiu aprovar um embaixador no Senado com alguma dignidade política. Um dia, o presidente em exercício descobrirá que existem vizinhos que podem ser bons amigos, mas uma carga difícil de carregar num governo...